

NOVIDADES NO ÂMBITO DA EPIGRAFIA PRÉ-ROMANA DO SUDOESTE HISPÂNICO

Amílcar Guerra

O sítio de Mesas do Castelinho, conhecido há mais de um século da bibliografia da especialidade, manteve-se adormecido durante muitos séculos até que, nos finais de 1986 foi improvisamente afectado por uma profunda destruição. Na sequência deste triste episódio, a entidade gestora do património dessa época incumbiu uma equipa da Universidade de Lisboa de iniciar, em 1988, um processo de estudo e valorização desse importante povoado (Fabião e Guerra 1991, 305-311). Desde então até ao presente Carlos Fabião e o signatário têm aí conduzido regularmente intervenções arqueológicas, visando os objectivos desde o início delineados para o projecto.

Os trabalhos de campo de 2008, que decorreram no mês de Setembro, corresponderam precisamente à 20.^a campanha, com a qual se deu continuidade à escavação do chamado Sector B, a mais extensa e bem conservada das áreas do povoado. A presença desta equipa de arqueólogos acabou por ter alguns reflexos na investigação no âmbito do concelho e essa circunstância fez-se sentir em diversos domínios, entre eles o da escrita do Sudoeste.

No ano de 1997 fomos alertados para as consequências das actividades agro-florestais num sítio que, por coincidência, se designava como ‘Monte Novo do Castelinho’, mas situado a considerável distância do povoado de Mesas do Castelinho, em que se desenvolve habitualmente a nossa actividade. Constatou-se que ali existira uma necrópole romana tardia, correspondente a um antigo estabelecimento agrícola, já conhecida na literatura da especialidade (Fabião *et alii* 1998, 199-200).

No entanto, a mesma escavação revelou a presença de uma estela epigrafada com a chamada ‘escrita do Sudoeste’, reutilizada numa dessas sepulturas de fase tardo-romana. Com a sua análise circunstanciada o monumento veio a patentear que esta era, na realidade, a sua segunda reutilização, depois de ter sido soleira de porta, circunstância que produziu um significativo desgaste de uma parte do seu campo epigráfico. De qualquer modo, a inscrição permitiu uma leitura quase completa de um texto com uma única linha, disposta em sentido ascendente (Guerra *et alii* 1999).

Alguns tempos depois, Rui Cortes, da autarquia almodovarense, recebeu a notícia de que um outro monumento pertence a este grupo de escrita se tinha identificado em S. Martinho, junto aos limites entre os concelhos de Almodôvar e Silves, mas ainda dentro do território deste último. Esta notável peça, que constituía então um dois mais extensos textos conhecidos, foi algum tempo depois publicada em conjunto com um fragmento de uma outra estela proveniente do sítio da Corte do Freixo, identificada alguns anos antes, mas então ainda inédito (Guerra 2002).

Embora esta vertente da investigação não se encontrasse nos objectivos inicialmente delineados para o projecto, constatou-se, que a presença regular da equipa referida acabou por contribuir para a identificação e divulgação deste tipo de vestígios epigráficos. As mesmas circunstâncias fortuitas acabaram por conduzir à descoberta de mais um outro documento, desta vez em consequência dos trabalhos desenvolvidos no próprio sítio de Mesas do Castelhinho.

Embora o achado se registe num contexto de cronologia diferente da que se costuma atribuir a este fenómeno epigráfico, a descoberta não causou grande surpresa. Nos primeiros anos da nossa intervenção nesta área recebêramos a informação da existência, junto a esse mesmo habitat, de um monumento epigrafado pertencente ao mesmo conjunto cultural. Porque a informação tinha sido veiculada pelo Senhor José Mestre, do Monte do Farranhão, responsável pela recolha de alguns dos vestígios inscritos já então conhecidos, a informação mereceu total credibilidade. Todavia, no sítio indicado não veio a encontrar-se a peça esperada.

No entanto, em cerca de uma década, tivemos oportunidade de registar o aparecimento de cinco monumentos completamente inéditos, aumentando substancialmente o repertório local deste género de manifestações. Estas novidades epigráficas e a sua divulgação tiveram algum impacto na comunidade local, em especial nos responsáveis autárquicos que, em determinado momento, empreenderam a criação de uma estrutura vocacionada para a divulgação desse importante riqueza patrimonial.

Deste modo, em Setembro de 2008, o município de Almodôvar inaugurou uma unidade museológica especificamente dedicada à chamada ‘escrita do Sudoeste’, nascendo assim o MESA - Museu da Escrita do Sudoeste, Almodôvar. A iniciativa, cuja origem tem cerca de três anos, nasceu de uma ideia dos responsáveis dessa autarquia, ao projectarem a divulgação da mais antiga escrita da Península Ibérica como um elemento de promoção cultural dessa região. Naturalmente, esse projecto mereceu o apoio do grupo de investigação que há alguns conduz escavações no sítio de Mesas do Castelhinho, que partilhava com as entidades autárquicas algumas ideias sobre o que deveria ser a divulgação do património arqueológico.

Por várias razões já invocadas, o Museu da Escrita do Sudoeste constitui um espaço privilegiado em torno do qual se desenvolve a actual investigação sobre este tema monográfico e, simultaneamente, a instituição onde se podem encontrar os dois primeiros vestígios epigráficos que a seguir se apresentam.

1. ESTELA DE MESAS DO CASTELINHO, ALMODÔVAR (FIGS. 1-4)

No final da campanha de 2007, no espaço corresponde à chamada ‘Rua 1’ do complexo habitacional em escavação no Sector B-3, no contexto da UE 726, aflorava um bloco de xisto da região com consideráveis dimensões que denunciava alguns sinais de desgaste na face visível (fig. 1). Todavia, em consequência das estratégias de intervenção, concluíram-se os trabalhos sem que a peça fosse levantada. Com o retomar dos trabalhos no ano seguinte, procedeu-se, com expectativa ao levantamento do dito bloco que confirmou a sua natureza e superou as mais optimistas suspeitas sobre a sua importância. Revelou-se então, não apenas mais uma estela epigrafada, mas precisamente a que patenteia o mais extenso texto até hoje divulgado.

O monumento epigráfico apresenta, como dimensões máximas, 112 cm de altura x 51 cm de largura x 9 cm de espessura. O texto gravado insere-se num campo epigráfico que constitui cerca de 2/3 da superfície frontal do bloco de xisto, separando-se este da parte destinada a ser enterrada por uma linha que delimita de forma nítida estas duas componentes. No entanto, por efeitos de uma degradação muito marcada da superfície, essa linha separadora apenas se conserva bem em toda a na metade situada do lado direito (figs. 2-4).

Acima desta linha desenvolve-se o campo epigráfico tendencialmente rectangular, embora uma menor largura na parte superior, a fim de se adaptar à própria configuração do bloco de xisto que serve de suporte.

Como é habitual o texto enquadra-se em cartelas delimitadas por duas linhas que, de uma forma geral se apresentam aproximadamente paralelas, ainda que revelem por vezes uma tendência para desrespeitarem esse modelo. O facto é particularmente marcado no conjunto de cartelas exteriores, em especial nas duas de maior dimensão, as laterais: na do lado direito patenteia-se um nítido alargamento à medida que se aproxima do topo do monumento, enquanto na sua correspondente do lado esquerdo se verifica a tendência contrária, uma vez que é mais estreita na parte superior. As linhas interiores revelam mais regularidade no traçado, mas as diferenças de largura entre o topo e a base do campo epigráfico obrigaram a que o último dos tramos seja mais irregular.

Na sua organização geral, o texto é constituído por uma sequência de quatro tramos exteriores, que formam cada um dos quatro lados do rectângulo correspondente ao campo epigráfico, seguindo de três linhas verticais, cuja orientação é alternada: a primeira e terceira dispõem-se de forma ascendente e a segunda é descendente (fig. 3).

Deste modo se obtém um conjunto epigráfico respeitador de um dos princípios que costuma pautar este género de documentos no que concerne ao fluxo de texto. De uma maneira geral, na maioria das epígrafes complexas, os diferentes tramos organizam-se de modo a que o conjunto se leia como um *continuum* em que a sequência seguinte se inicia junto ao ponto onde a anterior termina.

Todavia, a disposição adoptada na estela em análise, ao passar de uma estrutura concêntrica para a linear alternada, acabou por interferir com outra das regras habituais deste fenómeno epigráfico, a orientação sinistrorsa. Percebe-se que o responsável pela organização do texto privilegiou este princípio que aplicou aos quatro tramos exteriores e aos dois que inicialmente se inscrevem no espaço interno. No entanto, a estratégia adoptada na organização destes obrigou a que o último ganhasse uma disposição dextrorsa. Deste modo, o sétimo tramo fugiu à regra, a fim de evitar que se iniciasse a sua leitura no ponto oposto ao do *terminus* da anterior.

Há, naturalmente, da parte dos responsáveis pela gravação, uma preocupação em respeitar algumas normas que esta tradição epigráfica muito peculiar tinha consignado e que obedecem a uma lógica simples, ditada pelo bom-senso e, por isso, facilmente apreendidas.

Na orientação específica dos caracteres optou-se, como também se verifica na maioria dos casos em que esta estratégia é adoptada, para os dispor de forma ‘extroversa’, isto é, com o topo do signo orientado para o exterior do monumento. Deste modo, quem lê deve teoricamente colocar-se no centro do bloco, ponto para o qual converge a base de todos os signos.

Tendo em consideração o que foi dito, o início da epígrafe ocorre no ângulo inferior esquerdo, onde uma linha oblíqua separa a letra de abertura do carácter que encerra a primeira grande sequência que ocupa toda a cartela externa.

A gravação obteve-se pelo processo de abrasão, tendo sido usado um objecto pontiagudo, que produziu um traço geralmente fino e medianamente profundo. Dada a grande extensão do texto gravado, se comparada com o espaço disponível no campo epigráfico, obrigou ao desenho de signos de dimensão mediana, mas de uma maneira perfeitamente visível mesmo a alguma distância.

De resto, o conjunto epigráfico deveria causar uma impressão de exuberância de traços, bastante acumulados, mas produzindo na generalidade uma imagem de respeito por princípios de simetria facilmente perceptíveis.

O bloco original patenteava uma superfície lisa, em consequência das habituais fracturas naturais do xisto. Todavia a matéria prima sofreu algumas agressões que deterioraram essa primeira camada mais compacta, levando por vezes à sua degradação completa em alguns sectores. Felizmente essa ocorrência regista-se apenas pontualmente, pelo que se torna possível reconstitui-lo na sua quase totalidade.

Do ponto de vista paleográfico a inscrição denota algumas particularidades que merecem uma referência especial. A mais relevante respeita às questões relacionadas com a forma dos três signos, equivalentes a **k^u**, **t^e** e **b^o**, formalmente afins, o que poderia colocar alguns problemas na sua distinção, resolvidos com recurso à vogal que se lhe segue (cf. *MLH* IV, 148-149). Na inscrição em análise pode constatar-se, todavia que as quatro ocorrências que lhes dizem respeito acabam por colocar algumas questões relevantes. Dois dos signos que antecedem o signo vocálico **u** são substancialmente diferentes

nos pormenores paleográficos, em especial na primeira das ocorrências, onde as linhas transversais incompletas introduzem uma divergência no padrão habitual (fig. 3). Por outro lado, não se compreende a distinção que poderá existir entre o segundo carácter deste conjunto que precede **u** e o que pouco depois antecede **e**. Seguindo o postulado da redundância desta escrita, optou-se por uma diferenciação com base na vogal que se segue, mas objectivamente trata-se em ambos os casos de um signo igual na sua aparência.

Da confrontação destes três signos seríamos levados a deduzir que o **b**^o apresentaria como marca característica a existência de apenas duas linhas transversais. Todavia, esta peculiaridade aparentemente sustentada por esta inscrição está longe de se confirmar em outras ocorrências (*MLH IV*, 171).

Daqui decorre naturalmente a ilação de que a fluidez a que este signário está sujeito é significativa e mesmo quando se trata de um único lapicida e de uma mesma inscrição devemos esperar uma certa variação de natureza paleográfica. Torna-se, por isso, muito complexo, estabelecer padrões fiáveis e universais para estes signários.

Outro aspecto que sobreleva nesta inscrição tem que ver com o antepenúltimo símbolo desta longa epígrafe. Aí se representa um carácter de configuração única, circunstância que está longe de ser rara e que levanta, por via da regra, questões insanáveis. A representação de uma linha aproximadamente semi-circular, sobre a qual incidem verticalmente pequenos traços não tem um paralelo claro no repertório paleográfico da escrita do Sudoeste. Todavia, seria viável, eventualmente, aproximá-lo de um dos símbolos de valor desconhecido que se encontra no 'signário de Espanca' (J.25.1), representado por duas vezes nesse conhecido documento, onde ocupa a posição 26, correspondendo, portanto, ao penúltimo elemento do signário e ao n. 46 do repertório geral (Correa 1993, 548). Na sequência que revela melhor técnica de gravação, atribuída ao mestre, a configuração é ligeiramente diferente da do discípulo, sendo todavia esta última que mais se aproxima do grafema da estela de Mesas do Castelinho em análise. As afinidades entre as três representações são evidentes, pelo me parece viável uma aproximação entre eles, dada a oscilação formal a que muitos dos signos se encontram sujeitos - para um quadro sumário de variantes (*MLH IV*, 171).

A sua ocorrência na estela de Mesas do Castelinho, seria, por quanto sei, a primeira em que o grafema se registaria numa sequência textual, circunstância que não é fácil de explicar. Deve admitir-se, por isso, que este seja mais um dos casos em que se admitir a existência de alógrafos.

Do ponto de vista do seu eventual valor fonético parece viável fazer algumas conjecturas, tendo em consideração a circunstância de a epígrafe de Mesas do Castelinho patentear 21 signos distintos, o que limita substancialmente as equivalências possíveis.

Constata-se que o enigmático grafema vem seguido de **a**, o que permitiria desde logo tirar a ilação de que não corresponderia a uma signo de valor silábico, uma vez que os três caracteres correspondentes a **t**^a, **b**^a e **k**^a se encontram atestados nesta estela, todos na sua configuração habitual.

Do mesmo modo, estão igualmente representados os fonemas **l**, **n**, **r**, **ř** e **s**, de forma que, considerando válido e completo o sistema tradicional dos 27 signos, restaria unicamente a possibilidade de ser um **m** ou **ś**. Mantendo o raciocínio nesta perspectiva teórica de certa rigidez do sistema de signos, uma comparação com o signário de Espanca em que o signo **ś** se encontra bem documentado, de resto com uma paleografia bem distinta do problemático carácter, *levar-nos-ia*, em última análise, a optar pela equivalência com um **m**.

Importa todavia reconhecer que esta conclusão resulta de um conjunto de pressupostos que não é possível confirmar, pelo que se apresenta unicamente como um dos caminhos para o estabelecimento do valor fonético desse signo de configuração peculiar.

Tendo em conta estas considerações, a sua transcrição, de acordo com as normas de *MLH* IV, é a seguinte:

- 1.- **t̃ilek^uurk^uuark^aast^aab^uut^eeb^aant̃ileb^ooiirerob^aarenař^ke** [en---]ařiuu
- 2.- **lii^{*}eianiit^aa**
- 3.- **eanirak^aalt^eet^aao**
- 4.- **b^eesaru?an**

Com um total de 82 signos, 80 dos quais de valor fonético identificável, esta epígrafe constitui o mais extenso texto deste grupo de escrita até ao momento conhecido. Além disso, o facto de uma parte do texto perdido corresponder se seguir à conhecida fórmula **b^aare narř^ke[n---]** permite afirmar que é possível determinar o seu conteúdo de forma quase integral.

No entanto, como de resto vai sendo hábito na maioria dos documentos conhecidos, as sequências repetidas limitam-se quase exclusivamente ao referido formulário. É claro que, num texto com esta dimensão, é possível encontrar sempre pequenos segmentos que correspondem a outros já identificados. Se tomarmos como base o trabalho de referência de J. Untermann, inevitavelmente encontraremos algo que poderia corresponder aos formantes por ele definidos; mas essa afinidade limita-se, por via da regra, a alguns casos constituídos por pequenos segmentos, por vezes englobando um único carácter, o que não é significativo.

De qualquer modo, tendo em consideração algumas propostas de identificação onomástica, nomeadamente alguns nomes pessoais de origem indoeuropeia presentes na documentação disponível, seria viável, por exemplo, assumir que o início do texto **t̃ilek^uur** ou **t̃ilek^uul** poderia corresponder ao antropónimo *Tillegus*, atestado na conhecida *tabula* de El Caurel, Lugo (*AE* 1961, 96 = *AE* 1973, 289 = *HEp* 8, 334 = *AE* 2000, 748).¹

Do mesmo modo, alguns formantes das palavras poderão ser identificados. A sequência **b^aant̃i**, deve relacionar-se com a já conhecida **b^aane**, representada no repertório actual: em J.11.1, J.20.1, J.26.1 e em J.19.1. Esta última inscrição denota alguns evidentes paralelismos com a estela de Mesas

¹ John Koch teve a amabilidade de me fazer chegar os seus comentários a respeito desta epígrafe, que agradeço, e nos quais, entre outras sugestões, se incluía igualmente esta observação.

do Castelinho, como resulta da comparação de duas longas sequências: **t^e b^aantⁱ leb^ooii^r ero b^aare nařk^e[en---** que pode aproximar-se de J.19.1 **b^aane oořoir e b^a[are nař]k^eenii.**

De resto, **b^aane** ocorre, por via da regra, em sequências que precedem a conhecida fórmula **b^aare nařk^eenii** e afins, quase sempre separada dela por um elemento de pequena extensão, nos seguintes contextos:

b^aane ro b^aare nařk^eenii (J.11.1)

b^aane [---]b^aare nařk^e[e--- (J.26.1.)

E J. Untermann associa ainda a estas ocorrências J.21.1. **b^aan t^ee[--- b^a]are nařk^eenii.**

Parece viável considerar, embora representado de modo mais incipiente, que **b^aane** e **b^aantⁱ** viriam acrescentar-se aos elementos flexionais de natureza verbal de dois grupos mais amplos: o de **nařk^e, nařk^een, nařk^eeii, nařk^eenii, nařk^eentⁱ e nařk^eenai**; e o de **b^aare, b^aaren, b^aareii, b^aarentⁱ.**

Muito provavelmente, como têm posto em relevo muitos investigadores, estaríamos aqui perante os vestígios flexionais correspondentes a formas verbais, de que a terminação **-ntⁱ** respeitaria à marca da 3.^a pessoa do plural, que se encontraria igualmente em **b^aarentⁱ e lak^eentⁱ.**

Todavia, ao contrário do que se passaria em **b^aarentⁱ e nařk^eentⁱ**, para os quais foi proposta uma interpretação como pretéritos dos respectivos verbos (*MLH* IV, 166), em **b^aantⁱ** estaríamos eventualmente perante uma forma de presente, na 3.^a pessoa do plural, situação que não estaria documentada até ao momento. Alternaria, portanto, com **b^aane**, respeitante verosimilmente a um sujeito singular.

Com a hipótese referida de aproximação onomástica da sequência **tⁱlek^uur** e estas considerações sobre aspectos flexionais juntam-se mais alguns elementos pertencentes a línguas indo-europeias identificados neste âmbito.

Quanto ao resto, as possibilidades interpretativas e as eventuais afinidades com sequências já conhecidas são bastante problemáticas. Com as limitações inerentes ao nosso desconhecimento a respeito desta língua, poder-se-ia ver no final da inscrição um conjunto de caracteres que de algum modo poderiam remeter para o elemento **saruneeea**, já identificado nas inscrições J.22.1 e J.22.2. De alguma forma, a hipótese baseada na análise do sistema de signos segundo a qual o penúltimo carácter desta inscrição poderia ser um **m** não seria despropositada nesta circunstância. De qualquer maneira, estas aproximações são apenas meras conjecturas, sem qualquer fundamento que não seja uma semelhança gráfica (e, presumimos, também fonética) dos conjuntos comparados, aspecto que pode ser enganador no plano da sua explicação etimológica.

2. A ESTELA DE CORTE PINHEIRO, LOULÉ (FIGS. 5-6)

Pouco tempo depois da descoberta do monumento que acima se descreveu, foi identificada uma outra estela, no sítio da Corte Pinheiro, um lugar

situado na área da Serra Algarvia, nos limites entre os concelhos de Loulé e Almodôvar, no espaço administrativamente pertencente ao primeiro. A descoberta ocorreu no quadro dos trabalhos de campo realizados por Samuel Melro e Pedro Barros, correspondendo às primeiras acções promovidas no contexto do Projecto Estela (Melro *et alii* n.p.).

Este projecto, uma iniciativa dos dois investigadores referidos, com o apoio científico de Carlos Fabião e do signatário, iniciou-se na sequência da abertura do Museu da Escrita do Sudoeste, em Almodôvar. Entre os seus objectivos centrais definiu-se como prioridade a pesquisa mais aprofundada em torno dos contextos arqueológicos em que o fenómeno da escrita se desenvolve nesta região. Tendo em vista este desiderato, adoptou-se inicialmente uma estratégia de realocização de sítios que tinham já proporcionado estelas epigrafadas, centrando-se as acções de campo, nesta fase, na parte serrana do concelho referido.

Numa das visitas realizadas ao lugar de Corte Pinheiro veio a identificar-se este nome monumento, que deu entrada no Museu municipal especificamente dedicado a este tema, a que aludimos, situado na sede do município.

Trata-se de um bloco de xisto local com 111 cm de altura, 39 de largura máxima e 14 de espessura, de uma forma geral bem conservado, mas que sofreu uma fractura que afectou uma parte significativa do canto superior direito, com consequência na perda de uma parte considerável do texto. A base do monumento, destinada a fixá-lo no solo, ainda que não seja delimitada com clareza por uma linha, apresenta-se bem individualizada.

O texto desenvolve-se numa única linha e segue, de acordo com o modelo mais comum, o contorno da parte superior do suporte pétreo, descrevendo uma curva no topo e sendo delimitado por única linha que lhe define o enquadramento apenas pelo do lado interior. Apresentar-se-ia, portanto, como um texto contínuo, desenvolvido num único tramo sem qualquer separador. A área em que se dispõem os signos é delimitada apenas por uma única linha, situada na base dos mesmos, de forma a delimitar um espaço interior que se manteve sem qualquer gravação. A orientação dos signos é extroversa, isto é, com o topo apontando para o exterior da peça e o texto alinha-se da direita para a esquerda, também de acordo com o que é habitual neste sistema de escrita.

A gravação, obtida por abrasão, não é muito profunda, mas revela-se bastante nítida, uma vez que o suporte, que apresenta uma superfície dura, lisa e de tonalidade acastanhada, resistiu bastante ao desgaste. Por isso, é geralmente fácil identificar os diferentes caracteres, que se interpretariam da seguinte forma:

b^eeu*[jae*b^areŕk^eeni

Também neste caso se encontram alguns dos elementos habituais dos chamados formulários epigráficos comuns nestas manifestações, nos quais, todavia, se registam algumas anomalias. A primeira decorre do facto de a conhecida sequência **b^are** ocorrer neste caso sem a característica redundância. Todavia, esta peculiaridade é desrespeitada com alguma frequência, podendo

mesmo encontrar-se essa opção em igual circunstância, pelo menos no caso da estela J.52.1 de Villamanrique de la Condesa, Sevilla.

Dever considerar-se igualmente como anomalia a eliminação dos dois signos que iniciariam a palavra seguinte, **(na)fk^eeni**, do que deveria constituir mais um exemplo da mais abundante das sequências conhecidas no repertório epigráfico.

Por fim, merece um registo, do ponto de vista paleográfico, o que se considera aqui uma forma original do signo **f** desta última palavra e a sua própria disposição. É certo que do ponto de vista formal este signo apresenta afinidades com algumas realizações do signo **k^e** (nomeadamente o registado em J.19.1), mas o contexto em que ocorre, antecedendo um claro **k^e**, substancialmente diferente deste signo, não permite, a meu ver, outra alternativa.

3. OUTROS ACHADOS RECENTES.

Estes dois vestígios epigráficos vieram juntar-se a outros dois há pouco noticiados. Um deles, aparecido no lugar de Sabóia, concelho de Odemira, encontra-se ainda inédito e aguarda-se a sua publicação.

O outro, proveniente da Vale de Águia, lugar da freguesia de S. Bartolomeu de Messines, concelho de Silves, foi dado a conhecer no 5º Encontro de Arqueologia do Algarve e publicado por H. Sauren nas respectivas actas (Sauren 2008). O monumento deu entrada no Museu de Silves, onde se encontra depositado (fig. 7).

O autor da publicação apresenta uma fotografia do monumento, pouco esclarecedora, e simultaneamente um decalque da peça. Na linha das suas publicações anteriores sobre esta escrita, bastante divergentes do percurso seguido pela investigação sobre estes temas, sugere uma interpretação do texto e propõe a correspondente tradução (Sauren 2008, 56-57).

Tendo em linha de conta a investigação tradicional neste tipo de estudos e os seus pressupostos, que consideramos válidos e mais adequados, a interpretação do referido texto deve ser revista.

Nesta perspectiva e tomando como válido o decalque publicado, a parte epigrafada que se conservou, correspondente a um sector terminal da inscrição, conteria, seguindo os critérios de *MLH IV*, a seguinte texto:

]alb^at^eeb^aarenar[k^e---]**

Regista-se de novo a mais comum das sequências atestadas nestas manifestações (**b^aare nar[k^e...]**), ainda que se encontre incompleta e sem possibilidade de determinar a sua configuração exacta.

Para além disso, assinala-se que na sequência que precede este conhecido ‘formulário’, **]alb^at^e**, se identifica mais um caso de incumprimento da lei geral da redundância, como se sabe uma das peculiaridades mais marcantes deste tipo de escrita. Todavia, são já bem conhecidas situações similares, pelo que esta circunstância nada tem de surpreendente, como, de resto, se viu acima.

Constata-se, enfim, que esta área do sul de Portugal se continua a revelar como um território em que estes vestígios epigráficos se encontram particularmente concentrados. Por este facto, a investigação aí levada tem dado um contributo significativo para o aumento do repertório textual, ainda assim muito reduzido. Todavia, é precisamente este progressivo aumento do *corpus* epigráfico, em particular quando proporciona sequências textuais bem conservadas e extensas, que pode criar condições para alguns progressos neste domínio. Deste modo, espera-se que os projectos em curso que visam uma prospecção sistemática das áreas com maior potencial venha a dar igualmente os resultados em diversos domínios fundamentais: o conhecimento da escrita e da língua que veicula ou o do seu contexto arqueológico e da sua inserção cronológica e cultural.

REFERÊNCIAS

- Correa 1993: J. A. Correa, “El signario de Espanca (Castro Verde) y la escritura tartesia”, in: J. Untermann y F. Villar (eds.), *Lengua y cultura en la Hispania prerromana. V CLCP*, Salamanca 1993, 521-562.
- Fabião e Guerra 1991: C. Fabião e A. Guerra, “O povoado fortificado de Mesas do Castelinho, Almodôvar”, *Actas das IV Jornadas Arqueológicas*, Lisboa 1991, 305-319.
- Fabião *et alii* 1998: C. Fabião, A. Guerra, T. Laço, S. Melro, A. C. Ramos, “Necrópole romana do Monte Novo do Castelinho (Almodôvar)”, *RPA* 1.1, 1998, 199-220.
- Guerra 2002: A. Guerra: “Novos monumentos epigrafados com escrita do Sudoeste da vertente setentrional da Serra do Caldeirão”, *RPA* 5.2, 2002, 219-231.
- Guerra *et alii* 1999: A. Guerra, A. C. Ramos, S. Melro, A. Pires, “Uma estela epigrafada da Idade do Ferro, proveniente do Monte Novo do Castelinho (Almodôvar)”, *RPA* 2.1, 1999, 153-162.
- Melro *et alii* n.p.: S. Melro, P. Barros, A. Guerra, “Projecto ESTELA: do museu para o território”, *Almadan* 16, no prelo.
- Sauren 2008: H. Sauren, “Vale de Águia, S. B. de Messines”, *Actas do 5.º Encontro de Arqueologia do Algarve*, vol. II, posters (= *Xelb* 8), Silves 2008, 53-58.
- MLH IV: J. Untermann, *Monumenta Linguarum Hispanicarum, Band IV: Die tartessischen, keltiberischen und lusitanischen Inschriften*, Wiesbaden 1997.

Amílcar Guerra
Universidade de Lisboa
e-mail: guerra.amilcar@gmail.com



Fig. 1, aspecto da escavação de Mesas do Castelhinho numa fase dos trabalhos na 'Rua 1' correspondentes ao início da UE 726, na qual se observa a estela.



Fig. 2, estela de Mesas do Castelinho.



Fig. 3, pormenor da área epigrafada da estela de Mesas do Castelhinho.

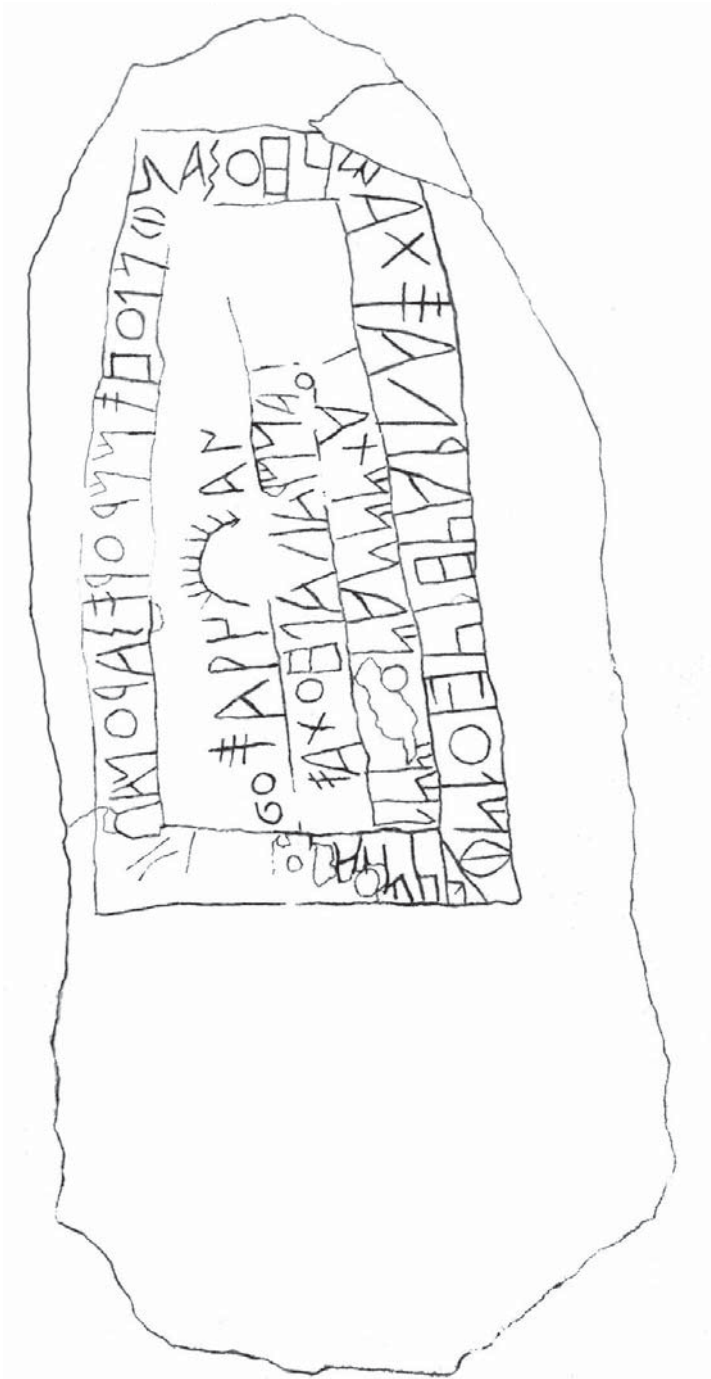


Fig. 4, decalque da epígrafe de Mesas do Castelinho.



Fig. 5, estela de Corte Pinheiro.



Fig. 6, decalque do campo epigráfico da estela de Corte Pinheiro.



Fig. 7, decalque da estela de Vale de Águia.